

### 3. No círculo de uma breve História da Medicina

Um dos objetivos específicos do módulo apresentado no anexo 1 é o conhecimento da História da Medicina. Esta abordagem pretende alcançar uma dupla função: a informação cognitiva e a investigativa, que visa despertar no aluno de medicina o interesse para a tradução acadêmica.

As pesquisas desenvolvidas nos séculos XIX e XX, sustentadas pela Paleontologia e pela Antropologia, revelaram que a Medicina parece ter se originado de práticas mágicas e sacerdotais. Acredita-se que o homem pré-histórico tenha começado a fazer uma distinção entre o que era visível e explicável daquilo que não era. Diante do medo da doença e da morte, ele começou a investigar a natureza da própria existência, quando assistia, impotente, seus companheiros serem dizimados por forças desconhecidas. Foi aos poucos se convencendo de que os mistérios dolorosos, como a doença e a morte, eram causados por demônios, embora existissem as divindades boas, responsáveis pelo lado agradável da vida.

Para este homem, eram ainda inexplicáveis as tempestades, a escuridão e as noites sem luar, atribuídas também aos demônios, que poderiam ser os espíritos irados dos mortos e dos animais caçados. Era necessário, portanto, apaziguar os poderes sobrenaturais por meio de rezas e sacrifícios, o que ficou a cargo dos feiticeiros, que alegavam possuir poder e conhecimento sobre as estrelas, as ervas curativas e os venenos, para aplacar a fúria dos demônios. A Medicina evoluiu, portanto, de práticas instintivas e empíricas.

É bem provável que as funções de médico e sacerdote fossem inseparáveis, como ainda são hoje em dia, em sociedades primitivas, uma vez que foi encontrada na gruta Les Trois Frères, na França, uma inscrição que data de dezessete a vinte mil anos atrás, mostrando um médico usando uma enorme máscara de veado para afugentar os demônios que causavam as doenças, e impressionar o paciente, representando, desta forma, a figura arquetípica do feiticeiro de comunidades primitivas.

O trabalho desempenhado pelos feiticeiros possuía certa relação com a medicina moderna, pois seus conhecimentos eram adquiridos em estudos da natureza, principalmente das propriedades das plantas e venenos de animais, como exemplo, o uso da mandrágora (que contém hioscina), como sonífero e antídoto para o veneno de cobra, antecipando os avanços da ciência médica, no que se refere aos sedativos e vacinas.

Os feiticeiros, alguns com grande habilidade técnica, foram os primeiros a praticar a trepanação ou perfuração do crânio em um ser humano, fazendo uma cirurgia terapêutica e, ao mesmo tempo, ritual, possivelmente para tentar remover da cabeça um demônio, conhecido como agente causador do mal.

Nos ensinamentos de Hipócrates,<sup>59</sup> a preocupação com a ética está registrada na proibição de atos médicos que colocavam em risco a vida humana: não se devia dar veneno, mesmo a pedido da pessoa, praticar aborto nem a cirurgia urológica da talha, que competia a operadores. Mas era exigido guardar segredo e não seduzir as mulheres nem os rapazes. Quanto ao pagamento, à intervenção médica e às penalidades impostas, mesmo no código de Hamurabi, escrito na Mesopotâmia por volta de 1700 a.C., há divergências quanto a situação social.



No ano 2 mil a. C., na época do rei Hamurabi, embora os sacerdotes-médicos tivessem de prestar contas aos deuses, os cirurgiões, homens do povo, eram os responsáveis perante as autoridades civis.

“se o médico efetuasse uma operação importante ou curasse uma doença dos olhos, receberia dez moedas de prata. Se o paciente fosse um homem livre, deveria pagar cinco moedas. Caso fosse um escravo, seu dono deveria pagar dez moedas”.  
Porém, caso o paciente morresse ou perdesse a vista, o médico teria as mãos decepadas.”

Artigo 215 - rei Hamurabi (1948-1905 a. C)

MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina* 1ª ed. Brasileira. Editora Manole Ltda, 1998.



Detalhe de estandarte da cidade de Ur, Mesopotâmia  
CCBS - MED - Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

<sup>59</sup> Hipócrates, considerado o pai da medicina, viveu na Grécia, no séc. V e IV a.C., e deixou o primeiro tratado da área, de que se tem notícia.

A Medicina entre os assírios e os babilônios era privilégio dos sacerdotes que prestavam contas aos deuses. Já os cirurgiões eram homens do povo e responsáveis perante o Estado pela condição de suas operações. O rei Hamurabi (1948-1905a.C.) foi o primeiro a definir o conceito de responsabilidade civil e criminal, que afetava as práticas cirúrgicas.

Quando os deuses libertavam os demônios para punir os pecados dos homens ou de uma nação, o sacerdote-médico procurava descobrir a causa do problema para iniciar os rituais de exorcismo e expiação. A prática da utilização de excremento animal para enojar e afugentar os demônios era comum não só entre os médicos assírios e babilônios, como também foi usada na Europa até o século XVIII.

## MEDICINA PERSA



Hieronymus Bosch .O Juízo Final. Coleção de Artes. Editora Globo  
CCBS – MED – Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

No livro sagrado dos persas, o Avesta, a medicina era uma arma para combater os demônios.

A saúde dependia do deus da luz e da bondade, Ahura Mazda.

O Vendidad continha um código profissional com exigências quanto à prática, os honorários e às multas pelo mau exercício.

Margotta, Roberto. História Ilustrada da Medicina 1ª ed. Brasileira. Editora Manole Ltda, 1998

A forte ligação entre a História da Medicina e a religião pode ser explicada pela luta comum na defesa do indivíduo contra as forças do mal. À medida que a religião assumia uma posição cada vez mais definida nas primeiras civilizações, a Medicina ia se estabelecendo nos templos e santuários.



**O ORIENTE MÉDIO**

Os médicos egípcios utilizavam uma grande variedade de drogas, incluindo o ópio e a cicuta.

A arte da medicina é dividida da seguinte maneira: cada médico ocupa-se somente de uma doença específica. Nos diagnósticos, caso o médico esperasse um bom resultado escrevia:

“Curarei esta doença”; se estivesse em dúvida: “Aqui nada pode ser feito”; se não houvesse esperança: “O paciente vai morrer

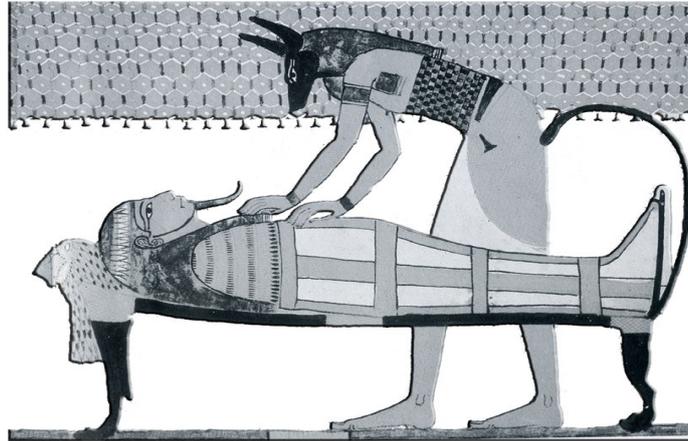
MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina*. 1ª ed. Bras. Ed. Manole, 1998.

Estátua egípcia, com textos mágicos sobre cura. 13ª Dinastia-período ptolomaico, 380-300 a. C.-*História Ilustrada da Medicina*.  
CCBS – MED – Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

A medicina egípcia ficou conhecida primeiramente através dos textos de Homero, Heródoto, Hipócrates e Plínio, e nos papiros médicos descobertos no final do século XIX, onde se encontravam instruções para o tratamento de feridas, fraturas e luxações. Em sua obra *History*, Heródoto refere-se à medicina do vale do Nilo: “A arte da medicina é dividida da seguinte maneira: cada médico ocupa-se somente de uma doença específica. Em todos os lugares há muitos médicos; alguns são especialistas dos olhos, outros da cabeça, uns dos dentes, outros, ainda, dos intestinos, e muitos dos distúrbios internos”.<sup>60</sup> Era comum na prática dos médicos egípcios a utilização de uma grande variedade de drogas, inclusive o ópio e a cicuta. Diodoro Sículo, historiador grego, fala de uma prática que, de certa forma, antecipou os modernos sistemas de assistência social: “Em períodos de guerra e nas viagens a qualquer parte do território egípcio, os doentes são tratados gratuitamente, pois os médicos são pagos pelo Estado e seguem escrupulosamente as receitas prescritas no passado pelos grandes médicos.”

<sup>60</sup> MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina* 1ª ed. Brasileira. Editora Manole Ltda, 1998.

## AS LEIS DE SAÚDE DOS ISRAELITAS



Anúbis embalsamando um corpo. Mural do túmulo de Sennedjem, do Novo Império, 19ª Dinastia (1320-1200 a.C.).  
CCBS - MED - Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

Para os antigos hebreus, a doença não era provocada por um demônio, um espírito maligno ou por feitiços lançados por outros homens; representava a ira de Deus pelos pecados da humanidade.

A saúde jamais falharia caso os Dez Mandamentos fossem obedecidos.

O doente pedia aos sacerdotes que intercedessem a seu favor, pois eram os verdadeiros intérpretes da lei de Moisés e curavam mais que os médicos.

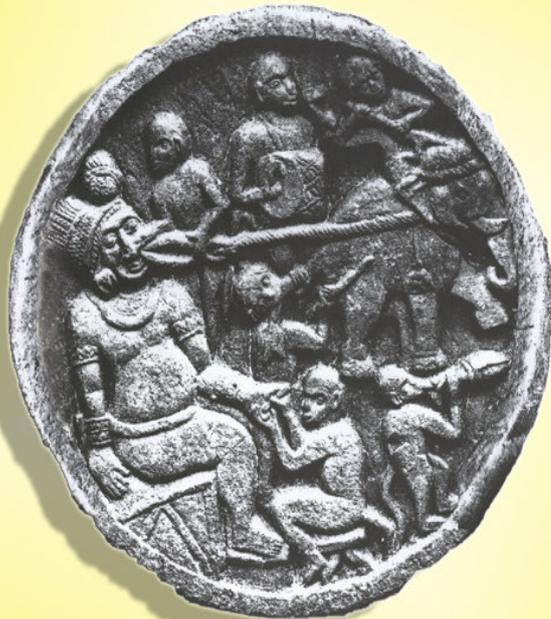
MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina* 1ª ed. Brasileira. Editora Manole Ltda, 1998.

Considerando as técnicas refinadas de embalsamamento, os médicos egípcios eram muito bons em anatomia. Conforme descreve Heródoto, o cérebro era removido com um gancho inserido pelo nariz, e a cavidade craniana era limpa com o maior cuidado. O corpo era aberto e, após a remoção dos órgãos, era lavado várias vezes com infusões de ervas aromáticas e preenchido com todos os tipos de especiarias. Costurava-se a abertura e o corpo, imerso por algum tempo em uma solução especial, era lavado e envolto em bandagens de linho impregnadas de substâncias betuminosas, para seu perfeito estado de preservação. Esta preservação permite observar ao microscópio detalhes do tecido, às vezes com evidências de doença.

Para os antigos hebreus, a doença representava a ira de Deus pelos pecados da humanidade. O homem viveria eternamente saudável se obedecesse aos Dez Mandamentos. Como acreditavam que estar sujo era o pior dos pecados, valorizavam as regras de higiene das escrituras para deixar o homem limpo aos olhos de Deus. E Moisés registrou no Levítico, (v, 2-3), um complexo código de higiene para ser seguido: “... se tocar alguma coisa imunda, seja corpo morto de besta ... imunda, seja corpo de animal imundo ... Ou quando tocar a imundície de um homem, seja qual for sua imundície, com que se faça imundo, e lhe for ocultado, e o souber depois, será culpado.”<sup>61</sup>

<sup>61</sup> MARGOTTA, Roberto. *Ibid.* p. 15.

## A ANTIGA MEDICINA INDIANA



A principal característica da Medicina na Índia antiga era a tendência para a elaboração de um sistema altamente compartimentado. As obras médicas eram de natureza mista, como enciclopédias.

As técnicas para o diagnóstico eram precisas. Os médicos examinavam e apalpavam o paciente; ouviam-lhe o coração, os pulmões e o abdômen; e anotavam as condições da pele e da língua.

MARGOTTA, Roberto. *História Ilustrada da Medicina*. 1ª ed. Bras. Ed. Manole, 1998.

Gigante tendo um, dente extraído. Baixo-relevo budista do século II a. C.  
CCBS – MED – Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

O *Ayurveda* – Veda da longa vida – tratava especificamente de Medicina, e como eram textos sagrados, revelados por entidades divinas, as referências históricas entrelaçavam-se com as lendas. A medicina indiana teve seu apogeu no período bramânico, quando viveram os dois médicos hindus, Charaka e Susruta, que construíram a base de todos os sistemas subseqüentes da medicina indiana. Ainda hoje, os médicos conhecidos como *kaviraj* praticam a medicina segundo o *Ayurveda* em muitos vilarejos.

Enquanto os faraós egípcios construíam pirâmides, os antigos imperadores chineses ocupavam-se da Medicina. É atribuída a Shen Nung, imperador legendário que teria governado de 2838-2698 a.C., a invenção da Medicina, sob a inspiração de Pan Ku, o deus da criação. Segundo a tradição taoísta, o caos foi superado e a ordem foi estabelecida com base nos dois pólos opostos, *yin* e *yang*, que juntamente com o sangue constituíam a substância vital que circulava pelo corpo. Acreditava-se que a doença era causada por um desequilíbrio desses dois princípios.

## A TRADICIONAL MEDICINA CHINESA

A Medicina chinesa era baseada nos dois princípios *yin* e *yang*.

O princípio *yang* é positivo. Ativo e masculino, representado pelo céu, pela luz, pelo poder, pela dureza, pelo calor, pela secura e pelo lado esquerdo.

O princípio *yin* é negativo, passivo e feminino, representado pela lua, pela terra, pelas trevas, pelo frio, pela umidade e pelo lado direito. A prática médica mais tipicamente chinesa é a acupuntura.

Margotta, Roberto. História Ilustrada da Medicina, 1a ed. Bras.. Ed. Manole, 1998



[www.searchforlight.org](http://www.searchforlight.org)

CCBS – MED – Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

Outro imperador conceituado na Medicina foi Hang Ti (2698-2598 a.C.), que escreveu a mais antiga obra chinesa sobre Medicina, ainda consultada no país, o *Nei Ching* ou Livro de Medicina, transmitida oralmente por meio dos séculos, sendo transcrita somente no século III a.C.

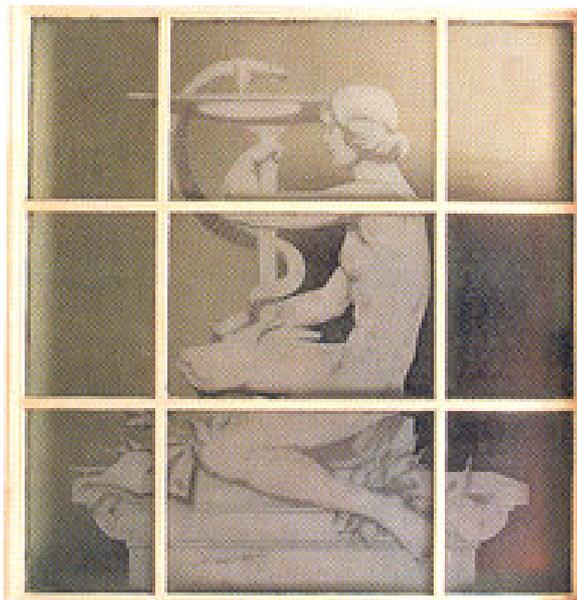
A prática médica mais tipicamente chinesa é a acupuntura, ensinada por especialistas que usavam estatuetas de metal cheias de orifícios correspondentes aos pontos, para ensinar a seus discípulos como trabalhar com agulhas. Mas a medicina chinesa sofreu grande estagnação nos séculos seguintes, devido à veneração da sabedoria dos ancestrais. O avanço da medicina na Europa, que mantinha como prática comum o isolamento dos doentes e dos portadores de doenças contagiosas, deixava a China cada vez mais distante do progresso.

A Medicina, enquanto prática do socorro às enfermidades do homem, teve início, certamente, com o aparecimento do primeiro ser humano. Nascida em um passado longínquo, era misticamente exercida por feiticeiros, pajés ou xamãs, que exorcizavam os males de seus semelhantes. De acordo com a História da Medicina ocidental, a prática médica racional iniciou-se, ainda que empiricamente, na Grécia antiga, por Hipócrates, que conseguiu resgatar a Medicina dos deuses e entregá-la aos homens. O pai da Medicina assumiu:

Comprometo-me a tratar a doença sagrada – a epilepsia. Para mim, ela não é mais sagrada que as outras doenças, senão que obedece a uma causa natural e a sua suposta origem divina está radicada na ignorância dos homens e no assombro que produz peculiar caráter.

A ética hipocrática trabalha com os princípios da beneficência e não-beneficência, que justificam, ao longo dos quase três milênios de prática médica, o poder médico exercido sobre o paciente com base numa relação paternalista e, muitas vezes, autoritária. É bem verdade que ao ideal ético-filosófico contido no juramento de Hipócrates foram-se juntando valores religiosos, derivados das religiões cristã, judaica e islâmica, exercendo uma influência predominantemente filosófica na Ética médica, principalmente até o surgimento da Bioética, uma ética de concepção multidisciplinar e pluralista. Desde então, a Medicina ocidental se desenvolveu fundamentada no conhecimento e nos valores humanos. Como ciência existe a menos de três séculos, sendo que no último desabrochou, também em tecnologia.

Ninguém mais receita uma lasca de porta por onde tenha passado um eunuco para aliviar a febre, esfregar uma aranha esmagada no olho para curar doenças oculares, o toque de um rei para acabar com a escrófula, nem sangrias e purgas como panacéia.



Circulo de leitura - Prof: Fátima Sanches Bussad  
Revista Ser Médico.CREMERJ. Junho 2003

O progresso da Medicina depende de se ter uma história da doença, que seja ao mesmo tempo descritiva e natural, e de se recorrer a uma práxis ou método que respeite a história da doença e da pessoa.

Há alguns dias conheci um médico renomado que usa o termo “colorir” quando (com)versa com seus pacientes. É um especialista em reconstituição de trauma de face, e fala em “dar um colorido” ao que está (de) formado. É dádioso o encontro com um médico que *olha* seu paciente como uma obra a ser (re) tocada. Associo àquele seu comentário, *Causos / 3*, conto escolhido no Livro dos Abraços, de Eduardo Galeano.<sup>62</sup> Conta sobre o médico Fernando, que prefere o toque, o (con) tato com o paciente. Quem sabe “colore” um pouco as contradições da modernidade, que se esqueceu: a tecnologia não pensa, não sente, não sonha. Nas mãos do médico, muitas vezes serve à era da velocidade, que não considera o tempo sensível, a pessoa humana, a contemplação.

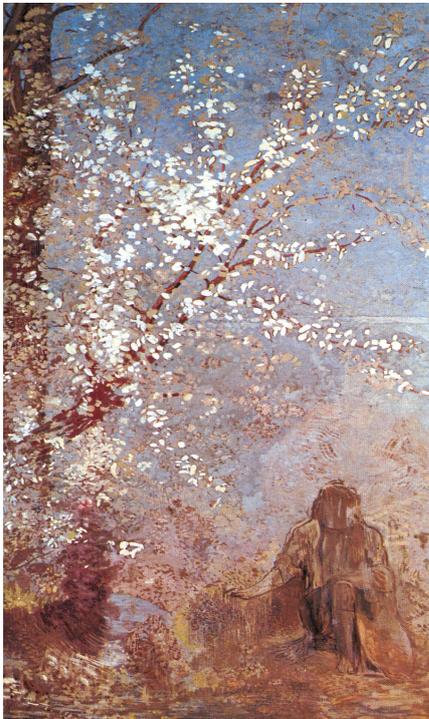
<sup>62</sup> GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Tradução Eric Nepomuceno. 9ª ed. PORTO Alegre: L&PM, 2002.

O que é a verdade? A verdade é uma mentira contada por Fernando Silva. Fernando conta com o corpo inteiro, e não apenas com palavras, e pode se transformar em outra gente ou em bicho voador ou no que for, e faz isso de tal maneira que depois a gente escuta, por exemplo, o sabiá cantando num galho, e a gente pensa: *Esse passarinho está imitando Fernando quando imita o sabiá.*

Ele conta causos da linda gente do povo, da gente recém-criada, que ainda tem cheiro de barro; e também causos de alguns tipos extravagantes que ele conheceu, como aquele espelho que fazia espelhos e se metia neles, se perdia, ou aquele apagador de vulcões que o diabo deixou zarolho, por vingança, cuspiendo em seu olho. Os causos acontecem em lugares onde Fernando esteve: o hotel que abria só para fantasmas, aquela mansão onde as bruxas morreram de chatice ou a casa de Ticuantepe, que era tão sombreada e fresca que a gente sentia vontade de ter, ali, uma namorada à nossa espera.

Além, disso, Fernando trabalha como médico. Prefere as ervas aos comprimidos e cura a úlcera com plantas e ovo de pombo; mas prefere ainda a própria mão. Porque ele cura tocando. E contando, que é outra maneira de tocar.

Ao romper com o pensamento mágico-religioso, Hipócrates anuncia que a doença está ligada à realidade, ao cotidiano do indivíduo, e dita novos rumos para a História da Medicina quando escreve o texto *Ares, águas, lugares*.<sup>63</sup>



Redon. Arvore Vermelha-1906. Oileção de Arte. Ed. Globo.

Circulo de leitura Prof: Fátima Sanches Bussad

Para Hipócrates, há um conceito ecológico para enfermidade que relata ser a doença resultante da interação entre o ser humano e o meio ambiente.

Suponhamos que estamos numa região abrigada do vento norte, mas exposta a ventos quentes. A água será abundante, mas será água de superfície, quente no verão, fria no inverno. Os habitantes de tal lugar terão muita flegma, fluindo desde a cabeça, e prejudicará os órgãos internos. São pessoas de constituição fraca que não toleram bem comida ou bebida, sendo sujeitas a ressacas. As mulheres são doentias e propensas ao corrimento; muitas são estéreis, não por natureza, mas como resultado da doença. As crianças estão sujeitas a asma e convulsões.

### Segundo Hipócrates,

... quem quiser estudar Medicina deve estar atento para o seguinte: primeiro, deve considerar o efeito das estações do ano sobre a pessoa. Depois, deve estudar os ventos, quentes e frios, tanto os da região como um todo, como os de uma localidade em particular. Por último, o efeito da água sobre a saúde não deve ser esquecido (...) bem como o solo: se for estéril, seco, ou coberto de vegetação.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> HIPÓCRATES apud MARGOTTA, Roberto. op. cit. p. 28.

<sup>64</sup> Ibid. p. 29.

A contemporaneidade registra a ressonância das palavras de Hipócrates nas doenças que o povo *Yanomama* vem sofrendo por conta da desenfreada devastação da floresta, denunciada em discurso realizado na Assembléia Indígena, em 1990, no Município de Surumu/RR, quando lastimam as mortes de seu povo com desprezo e revolta pelo descaso das autoridades.

*Ipa mauupë xami mahi yaro, xamapë a mai mahi matayou yaro.  
Kariperopëñë paaripë a niaì mahi, yaropë a niaì mahihe.*

Porque a minha água está muito suja, porque as antas estão morrendo. Os garimpeiros estão matando os mutuns, eles estão matando todos os animais de caça. <sup>65</sup>

*Makuxi urihi kurenaha, ipa urihi ya thamai pihio imi,  
Ya thamai pihio imi yaro.  
Mamanì ipa urihi a pihio xaarioma yaro  
Ipa Omamanì urihi. Omamanì a pihio xaarioma yaro.  
Kaho makuxi urihi yopi kurenaha, urihi thamai pihioimi.*

Uma floresta suja como a dos makuxi ...  
Não quero que aconteça o mesmo à minha mata,  
Não quero que aconteça o mesmo.  
Sendo que Omam nos deu a floresta bonita,  
O nosso Omam nos deu uma mata bem feita,  
Uma mata quente como a de você makuxi  
Eu não quero que isso aconteça em nossa mata. <sup>66</sup>

*Yanomama yamakì raamou waroho mahi yaro,  
Yamakì raamou yaro,  
Yamakì noamai mahi yaro, hixio.*

Porque os yanomama estão muito doentes,  
Porque nós estamos muito doentes,  
Nós estamos morrendo, muitos, eu estou bravo. <sup>67</sup>

<sup>65</sup> Karera Wak athautheri, discurso de 1990, Assembléia Indígena, Surumu, RR. Tradução de Guilherme Damioli. In: Brito, Maria Edna de. Etno alfabetização Yanomama: da comunicação oral à escrita: relato de um processo construtivista entre o povo da floresta. 2ª ed. São Paulo: M.E. Brito, 1996.

<sup>66</sup> J... Hewenahiitheri, discurso de 1990, na Assembléia I Surumu, RR. Tradução de Guilherme Damioli. p.cit., p. 36.

<sup>67</sup> Mário Pakuutheri, discurso de 1990, Assembléia I. Surumu, RR. Tradução de Guilherme Damioli, op. cit., p. 37.

Esta denúncia de *desordem* ecológica remete ao quinto princípio, *da autonomia / dependência (auto-organização)*, descrito por Morin,<sup>68</sup> que fala em “seres humanos auto-ecoorganizadores”, que se autoproduzem retirando “energia, informação e organização de seu meio ambiente”. O desespero do povo yanomami soa como prenúncio de uma catástrofe decorrente da interferência negativa na natureza por parte de um grupo social (os garimpeiros), cujos valores não coadunam com a harmonia em que vivem os indígenas com o seu *habitat*. A convergência com o princípio de Morin está no *modus vivendi* do povo yanomami, profundamente associado às necessidades naturais humanas explicitadas por Morin, e ao princípio de Heráclito: “Morrer de vida, viver de morte”, muitas vezes utilizado para ilustrar a permanente regeneração das células, uma vez que se afasta da *dialógica ordem / desordem / organização*.<sup>69</sup>

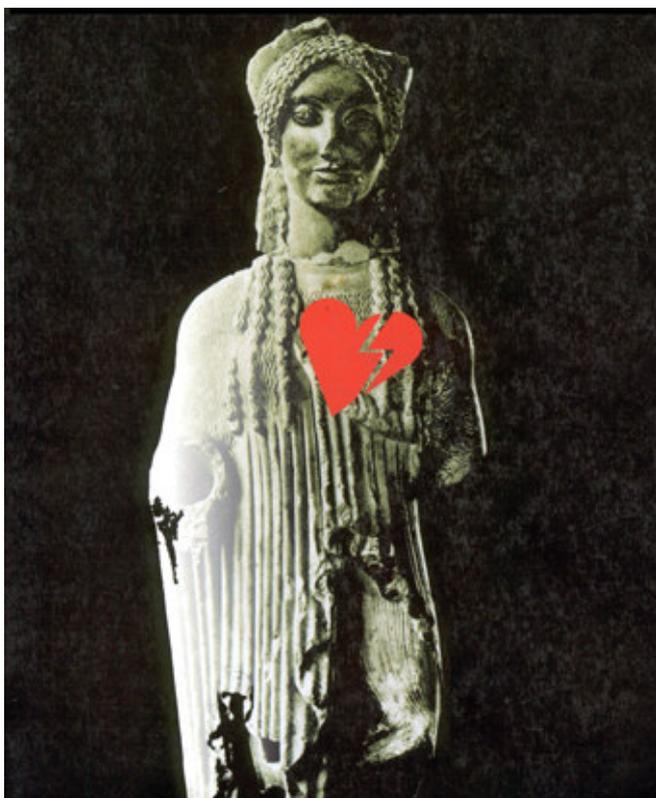
É interessante um olhar amoroso para a alma do jovem que decide mergulhar profundamente na essência da tragédia humana – a doença - para interagir com pessoas ávidas por um carinho, um sorriso, pela cura. O médico para uns é um ser mágico, para outros um Deus que traz o homem à vida como o *condena* à morte, quando diagnostica as doenças. Entretanto, o rosto anônimo não revela seu lado humano, suas angústias, suas doenças e problemas. Muitas vezes, para resguardar-se, se reveste da matriz filosófica “*bonun facere*”, a generosidade – a atitude de sempre estar pronto a servir.

No primeiro contato com o doente, o acadêmico pouco vê o paciente, quase que somente se vê, preocupado consigo próprio, com seu desempenho. Em suma, à medida que vai superando essa situação narcísea, torna-se possível a reciprocidade da relação.

<sup>68</sup> MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 95.

<sup>69</sup> MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. 2ª ed. Rio de Janeiro: BERTRAND Brasil, 1999 p. 24.

A comparação da Medicina com o amor é muito pertinente. A relação médico-paciente é inevitavelmente entremeada pela emoção e pela angústia, muitas vezes. O que eu tenho, doutor? Uma questão que corresponde àquela outra, não formulada, do médico: Mas o que tem esse homem? <sup>70</sup>



Psicossomática Hoje. Artes Médicas (1992). Graciele Leticia MD.15 Pro Fátima S. B. ead

De acordo com Goethe,<sup>71</sup> o que fundamenta uma relação compreensível entre as pessoas é o reconhecimento das forças e dos estados internos; olhar e ser olhado, atividade e passividade fundida mutuamente. Reconhecendo que o olhar é o meio para se fazer uma leitura do outro, a medicina preocupada com o ser humano na sua integralidade, trata o olhar médico como sinônimo de cuidado e zelo, que reflete na relação transpessoal com a pessoa doente, definindo uma resposta terapêutica ou antiterapêutica.

<sup>70</sup> MELLO FILHO, Júlio. *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

<sup>71</sup> GOETHE citado por Souza, Álvaro N. *As Duas Faces de Apolo: a íntima relação entre a Medicina e as Artes*. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 2000.

A visão holística na medicina leva à reflexão de que a pessoa do doente é diferente do caso do doente. Encontramos nas palavras de Cornelius Celsus (53 a. C.-7 d. C.) ensinamentos a cerca do sofrimento humano, enfatizando que o lugar do médico é ao lado paciente: “O médico experiente não toca de imediato o paciente; senta-se ao lado deste, mira-o com atenção e, se o doente está com medo, acalma-o com palavras gentis antes de proceder ao exame físico”.<sup>72</sup>



Pablo Picasso: Ciência y caridad, 1897. [www.portalmedico.org.br](http://www.portalmedico.org.br)

A Oficina Etimológica de Termos Médicos do Módulo 105 – Metabolismo, versou sobre fobia – do fr. *Phobie* e, este, do gr. *Phóbos* “pavor”, designação genérica das diferentes espécies de medo mórbido. Conversei sobre os anseios comuns ao grupo de alunos, e verifiquei que prevalecem os medos da gênese que constitui o mundo interno, migrando os temores da infância, em alguns casos, até a vida acadêmica.

<sup>72</sup> CELSUS apud SCLIAR, Moacir. *A Paixão Transformada – História da Medicina na Literatura*. SP, Cia das Letras, 1996.

Segundo registros do grupo, o doente tem medo de não ficar curado, medo do médico, medo de piorar, de si e dos outros, das pessoas pelas quais é responsável, de não atingir seus objetivos na vida, de morrer sem realizar seus sonhos, da dor, medo das seqüelas físicas e neurológicas, da discriminação, da dependência, principalmente de morrer. Nestas circunstâncias, o futuro médico deve saber ouvir com atenção, ter calma e prudência nas atitudes, ser tolerante e razoável com as manifestações do paciente na anamnese - o primeiro contato com o paciente.

Afinal, do que se tem medo? Sempre a mesma resposta: da morte e de tudo que possa simbolizá-la, antecipá-la ou recordá-la. Há uma infinidade de medos que perseguem o homem, a se relatar, são corriqueiros, prefiro tratar do medo metafísico, sem objeto de referência, e concordar com Espinosa, que acredita ser o ódio, junto com o medo, a mais triste das paixões tristes, caminho de toda servidão. Quem o sentiu, sabe.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> CHAUI, Marilena. *Sobre o medo*. IN: CARDOSO, Sérgio. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo. Cia das Letras, 1987. p. 39.

### 3.1 – No círculo de uma história do sofrimento

É impossível reduzir o funcionamento das representações ao princípio objetivo da distância que separa leigos e médicos, detentores do saber dominante. [...] a doença está hoje nas mãos da Medicina, mas ela permanece sendo um fenômeno que a ultrapassa. [...] Em um plano mais geral, a História da Medicina nos mostra de que modo as relações entre saber médico e concepções do senso comum podem estabelecer-se nos dois sentidos, sem uma dependência em sentido único, mas com vaivens entre o pensamento erudito e o pensamento de senso comum.<sup>74</sup>

Não é possível percorrer a história das representações de saúde e doença através da história tradicional, que tem o seu fundamento nos acontecimentos, nos eventos rápidos, enquanto motores da humanidade. É bem verdade que nas representações de saúde e doença persiste uma certa dinâmica de influências culturais recíprocas no espaço do conhecimento do coletivo, lugar em que se interpenetram a História, a Antropologia e a Psicologia, se situam e se relacionam as falas, os movimentos dos corpos e as atitudes.

Uma abordagem histórica assim construída revela que no campo da História Nova, a análise das doenças pode ser recuperada como parte da História das Mentalidades, ou em uma História Social da Cultura.

Neste horizonte, compreende-se o objeto “doença” a partir de diferentes perspectivas, relacionando-o à construção de representações sociais, à produção do conhecimento, às práticas preventivas, às mudanças sociais e culturais provocadas por sua incidência, e ao intercâmbio da medicina científica com a medicina popular. Neste sentido, adota modelos de explicação provenientes das ciências sociais, especialmente da Antropologia Social e da Psicologia, bem como da História das Mentalidades e da Cultura.

---

<sup>74</sup> SOUZA, Álvaro N. *As Duas Faces de Apolo: a íntima relação entre a Medicina e as Artes*. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 2000.

A partir desta fronteira historiográfica, a História das Mentalidades estabelece contatos com a vida mental dos homens e mulheres esquecidos da história, investigando a cultura popular, o folclore, a vagabundagem, as doenças, as relações familiares, a sexualidade, o amor, o medo e a loucura, que constroem uma história que diz respeito aos princípios fundamentais da condição humana. E neste contexto, a maneira como as pessoas concebem os fatos da vida no universo das doenças, revela uma história dramática do sofrimento, que a Literatura e a Arte registram.

No mundo antigo a doença era vista como um castigo imposto pelos deuses aos pecadores. Os demônios assumiam doenças específicas: Nergal trazia a febre, Namtaru, dor de garganta, Tiu, dor de cabeça. Existia a divindade da cura, Ningishzida, cujo símbolo era uma cobra de duas cabeças. – a serpente viria a se tornar mais tarde no emblema da Medicina. Elementos naturais e sobrenaturais habitam as representações de saúde e doença desde tempos imemoriais, provocando os sentidos e impregnando a cultura e os espíritos, os valores e as crenças dos povos. Sentimentos de culpa, medos, superstições, mistérios envolvendo o fogo, o ar, a terra, os astros, a organização da natureza, estão ligados às expressões da doença, à ocorrência de epidemias, à dor, ao sofrimento, às impressões de desgaste físico e mental, à visão da deterioração dos corpos e à perspectiva de morte.

Não há registro das experiências do homem que primeiro enfrentou a enfermidade, o sofrimento e a morte, uma vez que a necessidade de tratar a doença antecede a escrita. Também não havia preocupação se a cura seria feita pelo feiticeiro, xamã ou pajé, porque os diversos rituais e preces encaminham-se para o mesmo desejo: exorcizar os maus espíritos que causam a enfermidade e mobilizar os bons espíritos que trazem a cura.

Investigações controladas comprovam que as grandes obras literárias favorecem um mergulho na condição humana quando inscrevem enfermidade e medicina em seu contexto histórico. O tema da Peste Negra está refletido na literatura na coleção de contos do Decameron,<sup>75</sup> que nos apresenta sete moças e três rapazes que passavam o tempo contando histórias uns para os outros, na casa de campo onde se alojaram, fugindo da peste florentina de 1348. Outro exemplo está na obra *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe<sup>76</sup>, uma ficção impressionante sobre os terrores do surto que atingiu Londres:

Era muito triste ouvir as lamentações angustiadas dos pobres moribundos, pedindo consolo aos sacerdotes, clamando pelo perdão divino e confessando antigos pecados em altos brados. (...) quando a peste se tornava mais violenta numa região, dificilmente podia-se passar nas ruas, já que os cadáveres ficavam no chão (...). Os corpos ficavam abandonados até que os encarregados viessem buscá-los, e não deixavam de revistar os bolsos dos defuntos. Às vezes até suas roupas tiravam.

Outro texto ficcional interessante, porque trata a doença como metáfora, *A peste*, escrito por Albert Camus, relata uma cidade ameaçada por um poderoso e invisível inimigo: a própria doença. Nesta narrativa, as emoções humanas se inscrevem - medo, escapismo, abnegação, desespero, busca do sentido da vida – registrando a forma como cada um de seus personagens enfrenta esta situação limite:

O Dr. Rieux decidiu então redigir este texto, para não se enquadrar entre os que calam, para testemunhar em favor dos que sofrem de peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência, e para dizer simplesmente aquilo que se aprende em meio ao flagelo: há mais coisas nos homens para admirar do que para desprezar.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. In: SCLIAR, Moacir. *A paixão transformada: história da Medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>76</sup> *Ibid.*, op. cit., p. 56.

<sup>77</sup> CAMUS apud SCLIAR, Moacir. op. cit. p. 56.

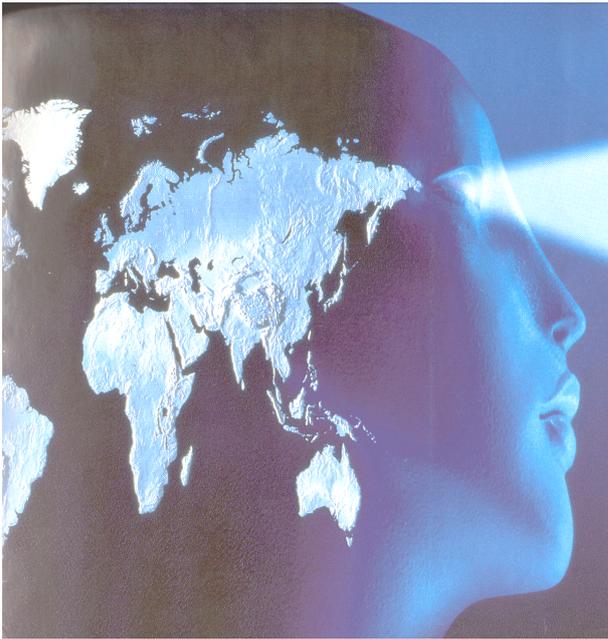
A natureza tem mostrado, desde a Antigüidade mais remota, que as manifestações naturais - terremotos, erupções vulcânicas, ondas de frio ou de intenso calor não estão sob o controle do homem. Também as grandes epidemias de doenças infecciosas, de conseqüências devastadoras, escaparam ao domínio dos recursos disponíveis do saber humano. Uma das mais violentas *mensageiras da morte* foi a peste bubônica, também chamada de Negra, que provocou mudanças radicais na vida de milhões de pessoas e na própria história, durante séculos.

Na Mesopotâmia prevalecia uma medicina mística, verificada em três tipos de médicos: o *baru*, responsável pelos procedimentos divinatórios, o *ashipu*, pelo exorcismo e o *asu*, que fazia as curas usando preces, rituais e várias substâncias. Aqueles que acreditam que a doença é uma manifestação do sobrenatural reverenciam o feiticeiro, o xamã e o pajé como médico.

A crença nestes homens está ilustrada no livro História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador, que narra o comportamento de um índio, que amaldiçoado pelo pajé lança-se na rede, não se alimenta e se deixa morrer. Nesta situação de pasmo, acredita ter perdido a alma como um castigo de espíritos guardiões da natureza. A falta de apetite e de sono, apatia e depressão podem levar ao suicídio. Mas não só a maldição do pajé leva a essa situação mórbida, o mau-olhado, uma farpa de madeira, um pedaço de osso, um inseto, possuído ou não de espírito maligno entra no organismo e inocula a doença.

O homem buscou primeiro razões sobrenaturais para tanta devastação, mas a História mostrou que muitas vezes a virulência das doenças foram entendidas como mecanismos de regulação da natureza. Em um sentido profundamente humano, o que podemos perceber é a fragilidade do homem diante do desconhecido. Ao mesmo tempo em que a ciência e a medicina modernas experimentam avanços inéditos, o controle das infecções continua sendo um grande desafio para a humanidade. Vide doenças como a AIDS e o *stress* que atormentam a contemporaneidade.

O módulo 106 do curso médico da UFRR (anexo 5), trata dos mecanismos de agressão e das defesas que o organismo dispõe contra os diferentes tipos de enfermidade. Para refletir sobre este tema, elaborei o Círculo de Leitura Psicoimunologia hoje, abordando o *stress* como causador de distúrbios no sistema imunológico.



### Psicoimunologia Hoje

As relações entre o “*stress*” e o sistema imunológico:

O sistema imune como um sistema da vida de relação.

O ser humano é um todo, biológica, ecológica e sócio-culturalmente determinado. E seu bem-estar físico e psicossocial está dependente e relacionado a situações que o envolve como membro de um grupo, em particular, de uma comunidade e de um sistema sócio-cultural. Seu bem-estar não depende apenas de sua herança biológica ou de fatores ecológicos.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Revista Ser Médico-CREMESP. Nov./2002  
CCBS-MED – Círculo de Leitura – Profª Fátima S. Bussad

Coloco a seguir, um exemplo da metodologia dos módulos trabalhados através de obras de artes plásticas, suscitando as discussões do tema médico a partir da leitura pelo olhar reeducado na sensibilização movida pelo artístico.

O conceito de *stress* foi apresentado por Selye,<sup>78</sup> em 1936, a partir de experimentos em que animais eram submetidos a situações agressivas de dor, frio e fome – agentes de *stress* – e sempre respondiam de forma regular e específica anatomofuncionalmente.

---

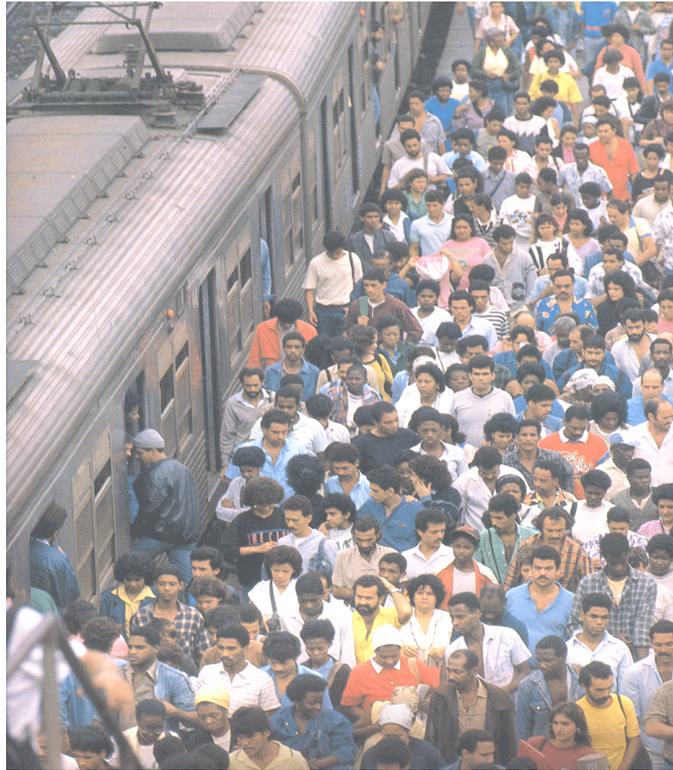
<sup>78</sup>SELYE, op. cit., p. 121.

“*Stress*” físico, psicológico ou social compreende um conjunto de reações e estímulos que causam distúrbios no equilíbrio do organismo, freqüentemente com efeitos danosos.

O “*stress*” psicológico relatou alterações hormonais em equipes náuticas de competição nas horas que antecediam as provas: e aumento da excreção urinária dos hormônios da supra-renal em pilotos e instrutores aeronáuticos em vôos simulados.

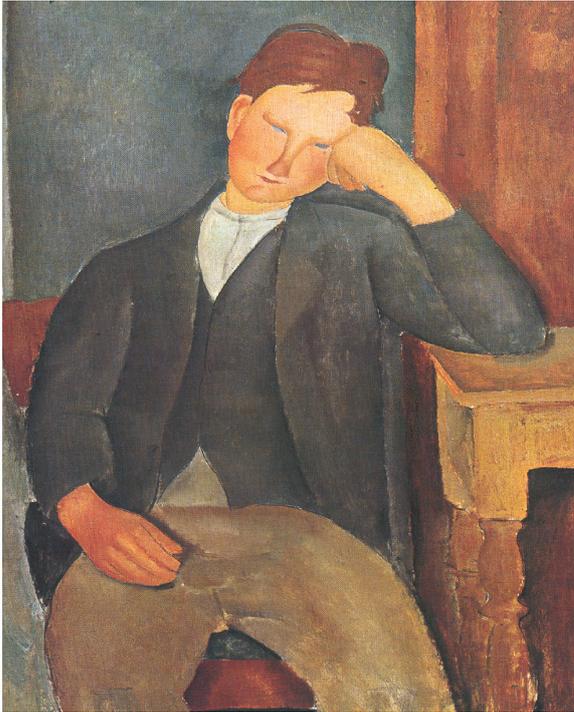
O “*stress*” social aponta situações como exposição a ruídos, aglomeração urbana, isolamento, trabalho monótono e repetitivo; o que corresponde ao modo de viver das grandes metrópoles como poderosos fatores de doença, principalmente as doenças cardiovasculares.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.



Revista Ser Médico - CREMESP Set./2002  
CCBS-MED – Círculo de Leitura – Profª Fátima S. Bussad

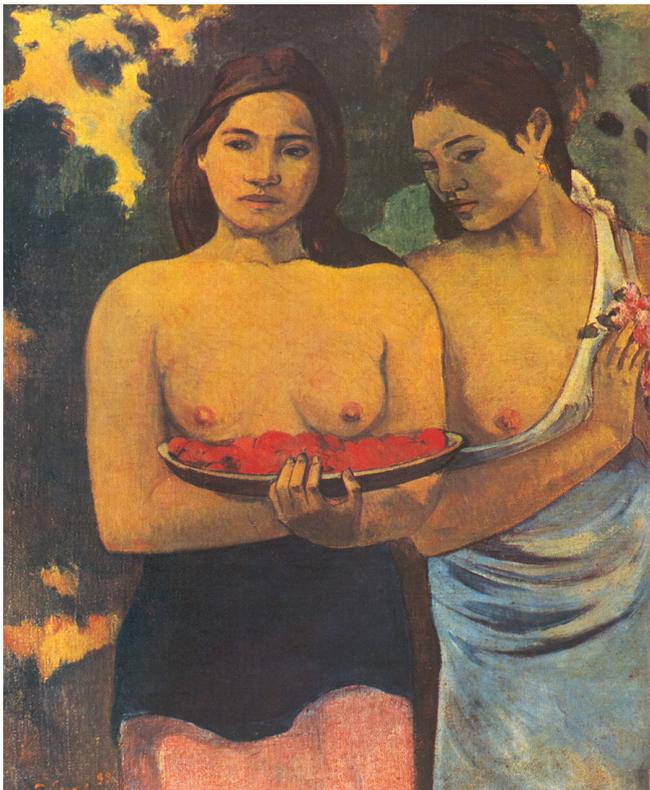
O sistema de adaptação e enfrentamento é o conjunto de mecanismos com que o organismo reage aos agentes do *stress*, representando a forma como cada pessoa avalia e lida com estas agressões. Estes mecanismos explicam por que avaliamos desta ou daquela forma a situação desafiadora, enfrentando-a ou não, a partir de decisões muito pessoais, com maior ou menor repercussão sobre o organismo.



Melancholia - Amadeo Modigliani. Coleção de Arte - Editora Globo.  
CCBS - MED - Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

O paciente melancólico, muito autodestrutivo face à predominância do instinto de morte, inflige e perpetua sofrimento para si e para os outros.

Mello Filho, Júlio.  
Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas SUL, 1992



Paul Gauguin. Seios em Flores Vermelhas ou Duas Taitianas.  
Coleção de Arte. Editora Globo  
CCBS-MED - Círculo de Leitura - Profª Fátima S. Bussad

Segundo Galeno, mulheres “melancólicas” pareciam ser mais suscetíveis a desenvolver um câncer do que aquelas que ele chamava de “sangüíneas”.

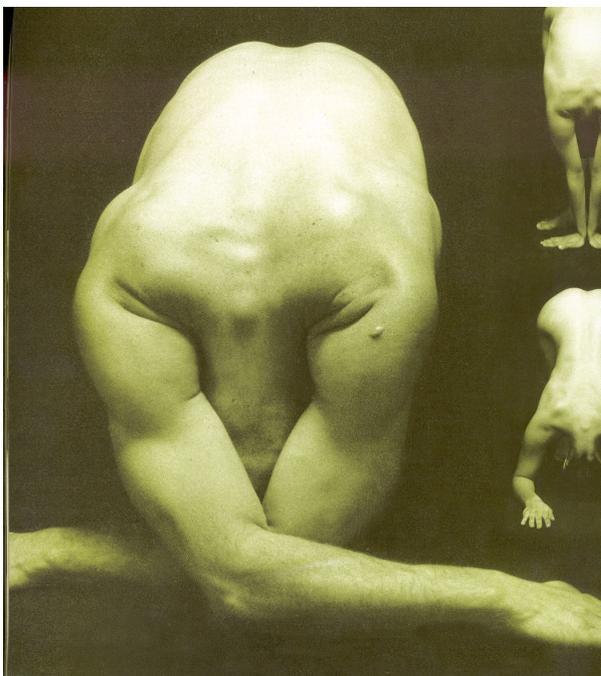
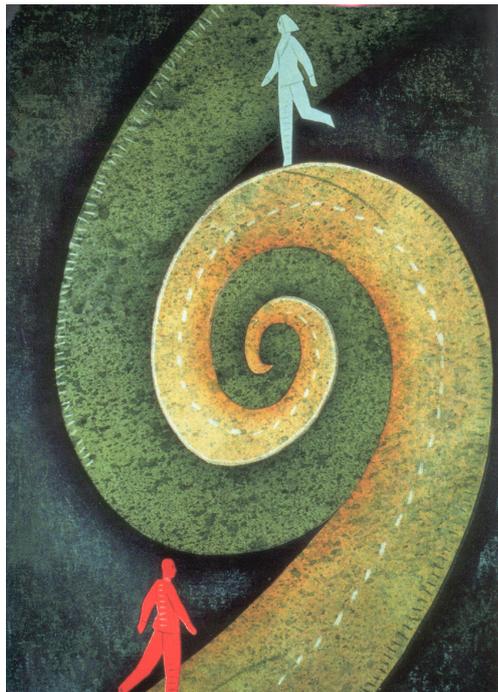
Através de experiências práticas, observou-se a importância do estado emocional dos pacientes na evolução de doenças infecciosas e neoplásicas.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.

O organismo quando exposto a um esforço desencadeado por um estímulo percebido como ameaçador à homeostase, seja ele físico, químico, biológico ou mesmo psicossocial, apresenta a tendência de responder de forma uniforme e inespecífica, anatômica e fisiologicamente, respostas que constituem uma síndrome: Síndrome Geral de Adaptação. Se os estímulos estressores continuarem a agir poderá haver falhas nos mecanismos de defesa, perda de reservas e morte.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.

Revista Ser Médico - CREMESP Mar./2003  
CCBS-MED – Círculo de Leitura Profª Fátima S. Bussad



Revista Ser Médico. CREMESP Nov./2002  
CCBS-MED – Círculo de Leitura – Profª Fátima S. Bussad

“O ser humano é capaz de adaptar-se ao meio ambiente desfavorável, mas esta adaptação não ocorre impunemente”. Levi (1971)

O estudo de parâmetros imunológicos em indivíduos deprimidos conclui que a função imune estaria reduzida em indivíduos enlutados e com graus importantes de depressão.

A avaliação da competência imunológica de estudantes de Medicina e pacientes ambulatoriais, não psicóticos, em situações de solidão, indica que este estado pode implicar redução ou supressão da atividade de células NK, que são células consideradas chaves na vigilância do organismo sobre o crescimento de elementos tumorais.

Estados de ânimos positivos poderiam associar-se a um aumento da sobrevivência de pacientes portadores de AIDS e padecendo de neoplasia.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.



Todo fenômeno humano  
é um fenômeno social,  
como também a ordem social  
existe unicamente  
como produto da atividade humana.

Desenvolvimentos orgânicos  
significativos se completam  
após o nascimento do bebê.

O organismo humano  
desenvolve-se, então, em interação  
com o grupo no qual se insere.

Publicação Especial - Fotografias ECO/92  
CCBS-MED – Círculo de Leitura Profª Fátima S. Bussad

“O ser humano é obrigado pela sua constituição biológica a buscar a satisfação instintiva, canalizadas através de vias socialmente determinadas: o quê e quando comer, o dia, a hora e o local, a conveniência, a atividade profissional, as regras de ética...”<sup>79</sup>



Revista Ser médico CREMESP Dez./2002  
CCBS-MED – Círculo de Leitura – Profª Fátima S. Bussad

#### Fatores de risco de doença coronária:

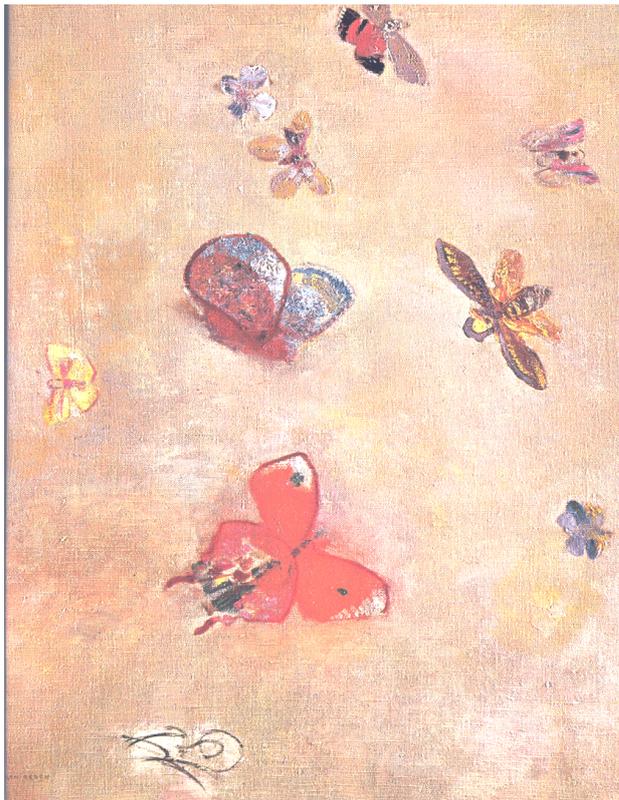
Estruturas de organização do trabalho alienado, coercitivo, sem criatividade, em que o indivíduo que o executa não tem controle sobre o seu processo de trabalho, sendo a tarefa aborrecida; com relações de trabalho fragmentadas e competitivas, têm a possibilidade de produzir experiências subjetivas de alienação, que se caracterizam por sensação de falta de poder, insatisfação e frustração.

A dieta, hábito de fumar e falta de exercício revelam uma forma de viver, de organizar-se frente às vicissitudes da vida.

Mello Filho, Júlio. *Psicossomática Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.

A sexualidade também faz parte da plasticidade do organismo humano e de sua disposição especial para sofrer as influências sociais.

<sup>79</sup> BERGER apud Mello Filho, Júlio. *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.



A Psicossomática faz parte da Medicina Integral, e concebe o ser humano, tanto na saúde como na doença, como um ser biopsicossocial. Estuda a pessoa como ser histórico; sistema único constituído por três subsistemas: corpo, mente e social.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.

“no dia em que o profissional da área de saúde perguntar ao paciente como é o seu trabalho, como está no trabalho, onde, como e com quem mora, quanto tempo demora para ir de casa para o trabalho e vice-versa, teremos uma revolução no atendimento e na promoção da saúde”.

Carlos Aparecido Clemente-Coordenador do Deptº de Segurança do Sind. Metalúrgicos de Osasco

Um grande número de estudos epidemiológicos, de Psicofisiologia e de Psicoendocrinologia demonstram que são vários os agentes ambientais e sócio-econômicos-culturais na sociedade industrial e urbana, potencialmente patogênicos.

Mello Filho, Júlio. Psicossomática Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1992.

Borboletas - Odilon Redon. Coleção de Arte Editora Globo  
CCBS-MED – Círculo de Leitura – Profª Fátima S. Bussad

Umberto Eco destaca o último século como do “triunfo tecnológico, do estresse e do enfarte.”<sup>80</sup> O grande processo de materialização coisificou o mundo, o ser humano e os seus ideais. O médico, deslumbrado diante dos diagnósticos computadorizados, dos progressos da química farmacêutica e das técnicas cirúrgicas, passou a exercer uma medicina impessoal e técnica; afastando-se do homem, esqueceu que o paciente tem seu potencial de força vital.

De acordo com dados da organização Mundial de Saúde, o *stress* é responsável por 90% das consultas médicas. Diante deste fato, muito se questiona o valor dado aos progressos da ciência cartesiana, e o uso sistemático de tecnologias modernas; em contraponto, é preciso revitalizar valores voltados para a estética, a confiança, a subjetividade, a afetividade e à qualidade de vida.

<sup>80</sup> ECO apud ALBERTON, José Galvani. Ética, Direito e Medicina: breves reflexões. Revista Bioética, CFM vol. 11-2003